

# JORGE DE SENA

Luciana Salles  
Capes, UFRJ

Jorge de Sena nasceu em Lisboa, a 2 de novembro de 1919. Filho único, educado nos melhores colégios, desde cedo manifestava interesse pela literatura e pela música, sendo um leitor voraz e dedicado estudante de piano. Aos 17 anos, ingressou na Escola Naval, almejando uma vida de viagens que parecia ideal a alguém que mais tarde confessaria ter se sentido sempre um exilado, mesmo anos antes de deixar a terra natal. A bordo do navio-escola *Sagres*, o jovem visitaria pela primeira vez o Brasil e a África. No entanto, apesar de obter as maiores notas na parte teórica do curso, ao fim da viagem Jorge de Sena seria definitivamente excluído da Marinha, o que lhe causou enorme decepção.

Concluiu o curso de Engenharia Civil na Universidade do Porto, chegando a exercer a profissão durante alguns anos, até a sua saída para o exílio. No entanto, ainda durante o curso, mantém intensa produção poética, escreve os primeiros contos e peças teatrais, inicia um romance, publica seus primeiros textos, frequenta tertúlias literárias e se junta ao grupo fundador dos *Cadernos de Poesia*. Mais tarde, paralelamente à atuação como funcionário da Junta Autônoma de Estradas, o engenheiro Jorge de Sena seria poeta, ensaísta, dramaturgo, contista, conferencista, tradutor, crítico literário, teatral e de cinema etc.

Em 1959, envolvido num golpe frustrado contra a ditadura salazarista, mudou-se, com a mulher – Mécia de Sena – e os sete filhos, para o Brasil, onde se tornou catedrático de Teoria da Literatura e de Literatura Portuguesa, e se doutorou em Letras. Cidadão naturalizado brasileiro, escreveria aqui alguns de seus mais importantes trabalhos, como os poemas de *Metamorfoses*, os contos de *Novas Andanças do Demónio*, a novela *O Físico Prodigioso*, o longo estudo sobre *Os Sonetos de Camões e o Soneto Quinhentista Peninsular* e parte do romance *Sinais de Fogo*. Poucos anos depois, em 1965, vendo-se mais uma vez diante de um regime ditatorial, parte, agora com nove filhos, em direção aos Estados Unidos, onde atuaria como catedrático de Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira e Literatura Comparada, na Universidade de Wisconsin e mais tarde na Universidade da Califórnia.

Autor de uma extraordinariamente vasta produção intelectual, que compreende ficção, teatro, traduções e uma densa obra crítica em que se destacam os estudos dedicados a Camões e a Fernando Pessoa, Jorge de Sena é, antes de tudo, um poeta. E é como poeta

que, recusando para si a “definição” pessoana, se afirma não como o “fingidor”, mas como a “testemunha”. Diz, num famoso prefácio a um de seus volumes de poesia, que

[...] se o “fingimento” é, sem dúvida, a mais alta forma de educação, de libertação e esclarecimento do espírito enquanto educador de si próprio e dos outros, o “testemunho” é, na sua expectativa, na sua discrição, na sua vigilância, a mais alta forma de transformação do mundo, porque nele, com ele e através dele, que é antes de mais linguagem, se processa a remodelação dos esquemas feitos, das ideias aceites, dos hábitos sociais inconscientemente vividos, dos sentimentos convencionalmente aferidos. Como um processo testemunhal sempre entendi a poesia, cuja melhor arte consistirá em dar expressão ao que o mundo (o dentro e o fora) nos vai revelando, não apenas de outros mundos simultânea e idealmente possíveis, mas, principalmente, de outros que a nossa vontade de dignidade humana deseja convocar a que o sejam de fato. Testemunhar do que, em nós e através de nós, se transforma, e por isso ser capaz de compreender tudo, de reconhecer a função positiva ou negativa (mas função) de tudo, e de sofrer na consciência ou nos afetos tudo [...]. (SENA, 1988, p. 26).

Contrária à posição algo divina da onipotência criadora de um poeta-fingidor que se faz poetas, a condição de quem adota o testemunho, conservando sempre “a consciência concreta de estar no mundo e ser-se, pelo menos no exprimi-lo e portanto criá-lo em poesia, responsável por ele” (SENA, 1988, p. 26), sendo sempre múltiplo em si mesmo numa “unidade” imperfeita e impossível, em constante movimento de travessia e transformação, num esforço continuado de “compreender tudo, reconhecer tudo, e sofrer na consciência ou nos afetos tudo” (SENA, 1988, p. 26), esta é a condição do exercício poético seniano. Sabendo-se veículo de permanente metamorfose, a poesia-testemunho de Sena é feita de “expectação e vigilância”, mas também de tentação, de tentativa, de busca pelo que o mundo revela, por outros mundos possíveis, por outras linguagens necessárias. É uma experimentação sensual e sensorial do mundo, mas do que nele há de humano, com o claro objetivo de travar um diálogo entre as testemunhas. Nesse sentido, afirmava em sua última entrevista:

[...] como parte do ser, do viver, da experiência e contacto com os seres humanos, o que é essencial para mim, tudo quanto é humano me interessa. Eu diria – mesmo que isto choque algumas pessoas –, a natureza interessa-me se os seres humanos ou marcas humanas estão nela. De outro modo, não estou interessado nada na natureza. (*JL*, nº 149, 14/20, maio 1985, p. 18).

Seja nas *Metamorfoses*, em *Arte de Música* ou em poemas espalhados por toda a sua obra, Jorge de Sena convoca através de sua escrita, ainda que não em proporções igualitárias, se não todas as artes, ao menos um grande número de manifestações possíveis. Música, pintura, escultura, arquitetura, fotografia, cinema, bem como a própria literatura,

são constantemente provocadas e invadidas pela poesia seniana. O diálogo de Sena com as artes é uma reunião entre as testemunhas para o aprendizado mútuo de suas dores, diálogo em que o poeta busca reconhecer a particularidade de cada linguagem, penetrar profundamente em cada uma delas e emergir disposto a experimentá-las em sua poesia.

Propondo uma produção poética que, como metamorfose incompleta, em constante processo de transformar-se de amador em coisa amada, permaneça em suspensão, ocupando o intervalo de exílio entre a poesia e as outras artes, Sena demonstra o mesmo desejo de, não apenas pintando quadros por letras mas com elas também compondo música e projetando arquiteturas, dar a ver aos outros o invisível por trás das frestas do mundo, ou, como escreve no poema “La cathédrale engloutie, de Debussy”, “de impor aos outros a visão profunda,/ não a visão que eles fingem,/ mas a visão que recusam”. (SENA, 1988 (b), p. 165).

Sobre si mesmo, escreveria a seguinte definição:

Sou pessoalmente contra qualquer igreja organizada ou qualquer partido organizado, mas reconheço o direito de qualquer pessoa a ser um membro seja do que for, desde que a minha liberdade pessoal não seja com isso afectada. Religiosamente falando, posso dizer que sou católico mas não um cristão – o que apenas significa que respeito na Igreja Católica todo o velho paganismo que ela conservou nos rituais, nos dogmas, etc., sob vários disfarces, tal como a Reforma protestante não soube fazer. Acredito que os deuses existem abaixo do Uno, mas neste Uno não acredito porque sou ateu. Contudo, um ateu que, de uma maneira de certo modo hegeliana, pôs a sua vida e o seu destino nas mãos desse Deus cuja existência ou não existência são a mesma coisa sem sentido. Filosoficamente, sou um marxista para quem a ciência moderna apagou qualquer antinomia entre os antiquados conceitos de matéria e espírito. Mas, politicamente, sou contra qualquer espécie de ditadura (quer das maiorias, quer de minorias), e em favor da democracia representativa. Não tenho quaisquer ilusões acerca desta – pode ser uma máscara para o mais impiedoso dos imperialismos. Mas isso também o podem ser outros sistemas. Sou a favor da paz e do entendimento entre as nações, e espero que o socialismo prevalecerá em toda a parte, mantendo todas as liberdades e a democracia representativa. Não subscrevo a divisão do mundo em Bons e Maus, entre Deus e o Diabo (estejam de qual lado estiverem). Apesar de minha formação hegeliana e marxista, ou também por causa dela, os contrários são para mim mais complexos do que a aceitação oportunista de maniqueísmos simplistas. Moralmente falando, sou um homem casado e pai de nove filhos, que nunca teve vocação para patriarca, e sempre foi a favor de a mais completa liberdade ser garantida a todas as formas de amor e de contacto sexual. Nenhuma liberdade estará jamais segura, em qualquer parte, enquanto uma igreja, um partido, ou um grupo de cidadãos hipersensíveis, possa ter o direito de governar a vida privada de alguém. Do mesmo modo, não devemos nunca pactuar com a ideia de que qualquer reforma vale o preço de uma vida humana. Mais do que nunca, num mundo onde as vidas humanas se tornaram tão baratas que podem ser gastas por milhões, aos escritores cumpre resistir. Poderemos ter revoluções: mas tenhamos esperança de que nelas as pessoas podem morrer por acidente, mas nunca assassinadas. (SENA, 1988, p. 21).

Com uma produção de cerca de três mil poemas, três volumes de contos, quase trinta volumes de ensaios, uma novela e um romance, para não mencionar os volumes de crônicas, correspondências, as obras traduzidas e os textos que permanecem dispersos ou inéditos, a escrita de Jorge de Sena é um exercício de busca pelo humano, pelo outro, pelo conhecimento. É um desejo de comunicação e diálogo, seja entre indivíduos, seja entre linguagens distintas, sempre permeado pelas marcas do exílio, da ironia, da transgressão, do erotismo. É um discurso de camoniana errância, de constante autorreflexão, de busca pela liberdade. Em resposta a esse desejo de diálogo, sua obra já foi vertida para diversos idiomas, adaptada para o cinema, e tem sido objeto de um crescente número de ensaios, dissertações, teses e reedições.

Jorge de Sena morreu em Santa Barbara, Califórnia, a 4 de junho de 1978, vítima de um câncer. A 11 de setembro de 2009, foi feita a transladação de seus restos mortais para o Cemitério dos Prazeres, em Lisboa.

#### **REFERÊNCIAS:**

Cronologias: “1919-1959: Portugal”, “1959-1965: Brasil” e “1965-1978: Estados Unidos”. *Ler Jorge de Sena*. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/lerjorgedesena>. Acesso em: 14/05/2012.

SENA, Jorge de. Quem é Jorge de Sena (à maneira de Curriculum), *O Tempo e o Modo*, nº 59, abril 1968. p. 306-312. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/lerjorgedesena>. Acesso em: 14/05/2012.

\_\_\_\_\_. *Poesia I*. 3ª. ed. Lisboa: Edições 70, 1988.

\_\_\_\_\_. *Poesia II*. 2ª. ed. Lisboa: Edições 70, 1988.

\_\_\_\_\_. “Tudo que é humano me interessa”: entrevista a Frederick G. Williams, *JL*, Lisboa, nº 149, 14/20, maio 1985, p. 18, 04/05/1978.

#### **MINICURRÍCULO:**

Luciana Salles é doutora em Literatura Portuguesa pela UFRJ, onde defendeu a tese “Poesia e o Diabo a quatro: Jorge de Sena e a escrita do diálogo”, vencedora do Prêmio Capes de Teses (2010) e publicada em livro também no mesmo ano (São Paulo: Livronovo). É coeditora do site *Ler Jorge de Sena* ([www.lettras.ufrj.br/lerjorgedesena](http://www.lettras.ufrj.br/lerjorgedesena)) e pós-doutoranda Capes/ UFRJ.